

A CASA TOMBADA

NATHALIA LIMA ROSARIO DOS SANTOS

ENVELOPES PSÍQUICOS NATURAIS

UM OLHAR PARA A RELAÇÃO CORPO A CORPO ENTRE A MÃE NATUREZA E O
FILHO HUMANO

BRAGANÇA PAULISTA

2022

NATHALIA LIMA ROSARIO DOS SANTOS

ENVELOPES PSÍQUICOS NATURAIS

UM OLHAR PARA A RELAÇÃO CORPO A CORPO ENTRE A MÃE NATUREZA E O
FILHO HUMANO

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de
Pós-Graduação A Natureza que Somos:
Filosofias e Práticas para uma ação genuína no
mundo.

BRAGANÇA PAULISTA

2022

Introdução.....	4
A formação do Eu através do meio natural	6
A confiança nos envelopes psíquicos naturais e a expansão do Universo interno	11
Conclusão	15
Referências Bibliográficas	16

Introdução

“Se ninguém, jamais,
nos tivesse tocado,
seríamos enfermos.

Se ninguém, jamais,
nos tivesse falado,
seríamos mudos.

Se ninguém, jamais,
nos tivesse sorrído
— e olhado —,
Seríamos cegos.

Se ninguém, jamais,
nos tivesse amado,
não seríamos
‘ninguém’”.

Paul Baudiquey

Percorrer os versos de Paul fazem com que a compreensão sobre a constituição humana dance diante dos meus olhos. Em poucas palavras, o autor desvela que a formação psicomotora de uma pessoa depende de ações exercidas sobre o corpo. A princípio, podemos supor que essas ações dizem respeito apenas ao contato físico, mas ele deixa explícito que somos igualmente

tocados por sons, expressões e olhares e que a boa qualidade do que nos afeta, que ele traduz como amor, é o que nos torna “alguém”.

A base primária que sustenta a condição de ser um indivíduo é a relação com a mãe, não importando quem exerce esse papel, pois a mãe é a que se coloca com mais disponibilidade corporal e emocional ao reproduzir de forma quase intuitiva o ambiente intrauterino para que a criança se sinta segura. Quando se vê diante de uma ação do filho, seja um resmungo, uma gargalhada, um choro ou uma necessidade fisiológica, a mãe envolve nos braços, embala, amamenta, canta e conversa.

A natureza age da mesma forma. A natureza é a grande mãe. Quando priorizamos o contato com o meio natural, percebemos que não há estranhamento. Pelo contrário, há reconhecimento de estar corpo a corpo com um semelhante. Agimos sobre esse meio e nos sentimos embalados, nutridos, envoltos por uma cantiga já conhecida e em diálogo profundo com nossa própria fonte geradora.

Todos os nossos sentidos representam os caminhos por onde essa relação é construída. Através deles, vamos nos manifestando e sendo cuidados. E sendo cuidados, vamos formando uma concepção do mundo que nos rodeia, tudo isso nos primeiros anos de vida. Se esses cuidados são suficientemente bons, uma interface de qualidade se estabelece entre o eu-psíquico e a vida que se apresenta do lado de fora, evitando que as angústias humanas transbordem no corpo em forma de psicopatia.

Essas atividades (o manejo do corpo do bebê) conduzem progressivamente a criança a diferenciar uma superfície que comporte uma face interna e uma face externa, isto é, uma interface que permite a distinção do de fora e do de dentro, e um volume ambiente no qual ele se sente mergulhado, superfície e volume que lhe trazem a experiência de um continente. (ANZIEU, 1988, p. 41).

Isso significa que todas as formas pelas quais somos segurados, abraçados, embalados, falados e alimentados são envelopes psíquicos e que a condição desses envelopes deve ser a melhor possível para que sejamos indivíduos psicológica e emocionalmente saudáveis. Uma mãe humana será a responsável por oferecer envelopes de qualidade, mesmo considerando que ela é falha. A mãe natureza também. Ainda que não seja perfeita, tendo em vista os desmatamentos, a extinção das espécies, a destruição da camada de ozônio, dentre outros, ela ainda se apresenta como um envelope de excelência.

A relação com a mãe (natureza ou humana), então, se estabelece nesse processo. A cada bom envelope, adicionamos, também, uma camada de confiança. É a confiança nessa primeira

relação que vai permitir, no futuro, que a pessoa vá se abrindo para o mundo, afinal por que investir em ter novas relações se a mais importante de todas nos mostra que não é fiel ao nosso bem-estar? Como acreditar em outros possíveis vínculos?

Os envelopes deixam, então, uma memória corporal. Sempre lembraremos das sensações vividas em nosso corpo, sejam elas boas ou ruins, desde antes do nascimento. Quando são boas, vamos passar boa parte da nossa vida buscando reviver essas experiências. Quando não são boas ou não são suficientemente boas, a nossa busca será por viver aquilo que nunca se concretizou da maneira que era necessário, pois haverá um desejo genuíno de ressignificação e de, finalmente, construção de uma camada que nos garanta saúde emocional. Considerando uma dessas experiências em que desejamos sentir no corpo o prazer do que já vivemos, Queirós (2017, p.30) afirma que “na água morna que enxágua o corpo nasce um desejo de desnascer”.

As crianças costumam entrar em caixas de papelão, se esconder dentro do armário, fazer cabanas e se balançar buscando sentir novamente o mesmo bem-estar de um local seguro, escuro e quentinho. Não só. Com essas brincadeiras, procuram também o porto seguro que só se encontra no colo, no abraço e no atendimento carinhoso das suas necessidades físicas e fisiológicas. Tudo isso quando não se tem o corpo da mãe disponível.

Na ausência da segurança proporcionada pela mãe, o bebê cria um desejo de ser envolvido - um fantasma de envelope -, imaginando ações ilusórias da mãe que o envolveriam pela voz, pelo olhar, pelo contato, assim como pelo ritmo das manipulações, pela repetição das posturas e pela música de suas palavras. O bebê cria um envelope imaginário, que é também aquele que a mãe lhe ofereceu. (AUCOUTURIER, 2007, p. 40).

Falo de crianças porque é o meu dia a dia como mãe e como profissional, mas quando penso nos adultos, ainda que em menor intensidade, todos querem e precisam ser envelopados em diferentes momentos da vida, principalmente em situações de angústia e sofrimento. Não é difícil ver adultos se encolhendo em posição fetal para chorar, por exemplo, tomando um banho quente para diminuir o estresse, pedindo um abraço para se sentir amado ou ouvindo música para se acalmar.

O poema de Paul me mostra exatamente o que ele compreendia sobre o humano. Enquanto sacerdote da igreja católica, era fascinado pelas obras religiosas de Rembrandt, especialmente a pintura “O Retorno do Filho Pródigo”, inspirada na passagem da Bíblia de mesmo nome. Tanto a arte quanto a passagem bíblica ilustram de forma extraordinária a nossa volta ao corpo-lar quando somos invadidos por um desejo inconsciente de envelope e a consciência do corpo-lar da necessidade de envelopar um filho da melhor maneira possível.

Como ele ainda estava longe, seu pai o viu e, todo emocionado, ele correu, jogou-se em seu pescoço e o cobriu de beijos. Seu filho lhe disse: meu pai, pequei contra o céu e contra ti; não mereço mais ser chamado de seu filho. Mas o pai disse aos seus servos: tragam o melhor manto e vistam-no; coloque um anel em seu dedo e sapatos em seus pés. Traga também o bezerro gordo e mate-o; tenhamos uma festa de júbilo: porque este meu filho estava morto e ressuscitou; ele estava perdido e foi encontrado. (Lucas, 15:11-32)

Entender a natureza como um sistema de múltiplos envelopes psíquicos capaz de criar uma relação de confiança com o indivíduo para permitir a sua expansão foi o ganho mais valioso que o percurso “A Natureza que Somos” me trouxe. Isso só foi possível quando escutei a frase de Carl Sagan: “somos feitos de poeira de estrelas”. Essa frase me deu a dimensão de que compartilhar o mesmo DNA original com todos os outros seres nos torna família, ou melhor, nos torna mãe e filhos. Sendo filhos suficientemente bem envelopados podemos, em algum momento, exercer o papel da mãe e envelopar. Essa inversão de papéis flui com naturalidade como tudo o que está vivo.

Esse trabalho tem como objetivo apresentar um ponto de vista que norteia a minha vida enquanto mãe, profissional e sujeito atuante no mundo. Um ponto de vista que conecta psicomotricidade, psicanálise e natureza, especialmente a natureza das relações e dos vínculos. Minha ideia é apresentar algumas formas de envelope existentes no meio natural, como agem no nosso corpo e como isso nos leva a abrir o nosso mundo interno e nos tornar aptos a sermos envelopes para outros seres também.

A formação do Eu através do meio natural

Didier Anzieu foi o psicanalista francês que desenvolveu o conceito do Eu-pele, que, na verdade, é a metáfora que coloca em destaque como a nossa pele sente a forma como somos cuidados nos primeiros anos de vida e como ela representa uma interface entre aquilo que foi vivido e um Eu psíquico bem constituído. A partir disso, cunhou o termo do envelope psíquico.

O autor traz o elemento tátil como sendo o foco principal da estruturação do indivíduo através do corpo. É interessante perceber, no entanto, que os outros sentidos também são vistos da mesma forma por ele, afinal o som toca o ouvido, o alimento toca a língua, o cheiro toca as narinas e as imagens tocam o nosso olho.

O bebê, pelas ações de transformações que o objeto externo proporciona, incorpora um conjunto perceptivo sensorio-motor que lhe é fornecido pela qualidade dos cuidados que ele recebe: ele incorpora, na forma de um envelope externo olfativo, sonoro, visual, tátil, fisiológico, postural, que se torna também seu próprio envelope. Este envelope externo é também aquele que lhe permite sentir-se envelopado continuamente. (ANZIEU, 1993, apud AUCOUTURIER, 2007, p. 38).

Antes de analisar algumas dessas formas de envelope que a mãe-natureza oferece, acredito que seja necessário compreender que o meio natural é um corpo. Um corpo materno.

Um corpo-útero. Um corpo capaz de prover tudo aquilo que necessitamos. Quando estamos em contato com esse ambiente sem ou com pouca artificialidade, estamos imersos dentro do ventre que nos gera ou sendo nutridos enquanto repousamos nos braços que nos sustentam. O nosso entorno é fluido como o líquido amniótico. Fluido como leite materno. Emanuele Coccia diz:

A vida nunca abandonou o espaço fluido. Quando, num tempo imemorial, ela deixou o mar, encontrou e criou ao redor dela um fluido de características — consistência, composição, natureza — diferentes. Com a colonização do mundo terrestre, fora do meio marinho, o mundo seco se transformou num imenso corpo fluido que permite à grande maioria dos viventes viver numa relação de troca recíproca entre sujeito e meio. Não somos habitantes da terra; habitamos a atmosfera. A terra firme é apenas o limite extremo desse fluido cósmico no seio do qual tudo comunica, tudo se toca e tudo se estende. Sua conquista foi, antes e acima de tudo, a fabricação desse fluido. (COCCIA, 2018, p. 39)

Esse corpo atmosférico oferece uma quantidade inimaginável de envelopes psíquicos. A natureza, portanto, não é uma representação. Ela não é uma rede ou uma banheira com água quente. Ela não é um simbolismo de envelope. Ela é o próprio envelope, ou melhor, envelopes. Quando se encontra prazer rolando na grama ou tomando banho de mar, por exemplo, estamos, de fato, no útero, no colo, no peito, pele a pele, sentindo o cheiro do corpo e as batidas desse grande coração. Por isso, as sensações no meio natural são tão intensas. É o retorno ao lar. O retorno à mãe. Uma mãe pronta para nos envolver de forma a acariciar todos os nossos poros.

Somos acariciados, ou melhor, envelopados, através dos nossos sentidos. A primeira e, talvez, mais extraordinária forma de envelope deve ser através do som. Segundo Anzieu (1988, p.207), a voz da mãe é a melhor forma de cessar o choro de um bebê desde a sua segunda semana de nascimento. No entanto, o som dos trovões, das ondas batendo, da chuva ou o canto dos pássaros são capazes de acalmar os bebês desde o seu primeiro minuto de vida. São capazes, também, de trazer tranquilidade e concentração para jovens e adultos, que, muitas vezes reproduzem músicas com sons da natureza. Isso porque eles são exatamente iguais aos barulhos que o feto escuta quando está dentro da barriga da mãe, os chamados ruídos brancos, que são frequentemente reproduzidos para que possamos experimentar a mesma sensação de prazer já vivida um dia.

Eu diria que não é pela barreira física da musculatura, fásia e pele que o feto escuta apenas ruídos. É por estar inteiro na relação com o todo, vivendo a sua natureza e a plenitude da vida em sua inteireza. Sensível ao que compõe o seu Universo. O bebê dentro da barriga da mãe escuta o canto da natureza da forma mais bonita que se pode pensar. É o som do que lhe compõe. E lhe compõe porque responde aos próprios sons do bebê, vinculando essas duas matérias de forma única.

Dora e Buyuk (2021) publicaram um artigo sobre o efeito do ruído branco e das canções de ninar na percepção da dor e sinais vitais de bebês prematuros durante intervenções dolorosas na UTI Neonatal e o resultado mostrou que o ruído branco e as canções de ninar foram eficazes na redução da dor. Não posso deixar de apontar, mais uma vez, o ruído branco como o som do meio natural e as canções de ninar como representações da voz materna.

Se falo sobre os sons da grande mãe-natureza, também posso falar do cheiro dessa mãe. Na verdade, antes eu quero falar do cheiro da minha mãe humana. Óleo de ameixa. Como é gostoso abraçar a minha velhinha e perceber esse mesmo cheiro há tantos anos. Um aroma tão impactante na minha vida que passei a comprar o mesmo produto apenas para ficar com o mesmo cheiro do que ela. Ou seria para viver sentindo o cheiro dela? Anzieu (1988, p.82) cita um estudo experimental em que é oferecido ao bebê um tecido impregnado pelo odor materno, que foi capaz de produzir efeitos tranquilizadores da agitação e de estimulação de certas atividades.

Eu me recordo como se fosse hoje do dia em que coloquei um vestido usado por mim como lençol para o ninho onde meu filho dormia para ver se eu conseguia esticar minimamente o tempo de sono dele. Vivendo um período de intensa solidão e pouca ajuda, o que resta a uma mãe a não ser ceder seu próprio corpo? Reproduzir os envelopes desse mesmo corpo. Meu cheiro e o cheiro de leite estavam naquela roupa. Eu o vi adormecer embrulhado em um envelope olfativo de mãe. Eu o vi, mesmo que de forma quase imperceptível, integrar mais uma camada do seu próprio eu.

Por que todo mundo compartilha o gosto pelo cheiro de terra molhada? Porque é o cheiro da nossa mãe. Por que todo mundo tem o impulso de cheirar uma flor quando vê uma? Porque esperamos sentir o cheiro da nossa mãe. Por que mesmo tão acostumados a perfumes artificiais dizemos ser gostoso sentir o aroma do alho e da cebola na panela quente? Porque é o cheiro do que é natural. É o cheiro da nossa mãe.

Piorski (2016, p. 132) fala sobre como a cozinha é o local onde os quatro elementos, terra, água, fogo e ar, se encontram de forma lúdica para as crianças. Acredito que não só para as crianças. Quando ele traz o elemento ar, não posso deixar de pensar que se trata justamente do vapor que vai tomando conta de toda a casa distribuindo a essência da nossa mãe ao prepararmos algo que a terra nos dá. Não há encantamento, por exemplo, diante do cheiro de um alimento industrializado.

Na imaginação da criança, cozinha e natureza muito se aproximam devido à preparação dos alimentos, ao manuseio dos elementos, à complexa articulação das mãos. A criança ali vive um sonho de delícias e generoso trabalho com o mundo elementar. (PIORSKI, 2016, p. 132-133)

Quando se fala de envelope olfativo, logo se pensa em paladar também, afinal os dois sentidos estão muito interligados. Quando sentimos o cheiro de algo muito gostoso, ficamos com água na boca. A preferência por sabor começa muito cedo, ainda na vida intrauterina e, depois, no estágio inicial da alimentação do leite. Harris e Coulthard (2016, p.115), ao falarem sobre os efeitos benéficos da amamentação a longo prazo, citam a maior aceitação da mudança de sabor ou variedade de sabor e conseqüentemente maior consumo de frutas e hortaliças em crianças mais velhas. Isso significa que se o envelope gustativo inicial é natural (leite materno), a criança vai reconhecer a qualidade dos envelopes subsequentes. O desejo é e sempre será voltar para um estado de prazer que o envelope primário proporciona, logo receber o alimento que possui a mesma constituição original não poderia causar efeito diferente. Mais uma vez, o alimento natural não é uma representação de envelope. Ele é o envelope.

No entanto, ao falar de paladar e envelope gustativo, não posso me ater simplesmente ao ato de se alimentar, especialmente quando falo tanto sobre o início da vida. Há alguns meses, assisti a uma conversa entre Ailton Krenak e Antônio Nobre sobre a nave Gaia e nela Ailton fala sobre o motivo de uma criança colocar terra na boca, afirmando que isso acontece porque ela carrega a curiosidade dos seus ancestrais no DNA e que a criança não entende a terra como sujeira. Não entende, porque não é. É uma parte da sua mãe, logo uma parte dela mesma. Assim como alguns outros elementos, a terra é um envelope que abraça a pessoa através de vários sentidos. Aucouturier (2005, p.70) traz essa pulsão oral como a criança desejando incorporar, devorar e assimilar a mãe nela mesma.

O envelope visual primário segue os mesmos princípios dos anteriores. O que o bebê mais observa ao nascer e nos meses subsequentes? O rosto da mãe. E é esse rosto com suas características específicas e expressões individualizadas que irá permitir que a criança se assegure sempre que o perceber, auxiliando na construção da membrana que abriga o eu-psíquico. “O rosto materno, em sua expressividade afetiva, sustenta o olhar do bebê e o devolve a si mesmo. Sentir-se visto e reconhecido pelo olhar materno é para a criança a aprovação e confirmação da própria existência. Sua função especular é nada mais que o reconhecimento do modo de ser singular do bebê e, portanto, oferta à constituição e integração do self” (Winnicott apud Socha, 2008, p. 4).

Eu me pego agora pensando quantas vezes eu quis ir de um lugar para outro e mudei o caminho apenas para passar pela orla do Rio de Janeiro. Apenas para ver o mar, mesmo que eu demorasse mais tempo para chegar ao destino. Com as janelas do carro fechadas, ouvindo a música que antes tocava no rádio ou no CD e que, agora, toca na minha playlist do aplicativo, o meu desejo era ver a minha mãe. Sem a experiência completa de ser envolvida pelo som do mar, pelo seu toque, seu cheiro ou seu gosto, apenas vendo o corpo da minha mãe, sempre foi possível reconhecer o bem-estar que me causava, algo que não seria possível diante de um ambiente artificial.

Assim, é possível pensar que precisamos dos ambientes não transformados pelo homem por diversos motivos. Não só porque eles podem nos fornecer os recursos de que necessitamos, não só para que possamos aprender sobre os mecanismos que regem a vida e sobre a melhor maneira de preservá-los, não só para a fruição estética, mas também, e principalmente, para proteger nossa referência mais profunda e sempre poder resgatar nossa saúde e nosso equilíbrio psíquicos. (MENDONÇA, 2012, p. 123)

Durante toda a minha formulação sobre os envelopes psíquicos naturais, eu estava falando de toque. Eu só ainda não havia falado de pele, o maior órgão do corpo humano e o responsável por ser essa camada que assegura o aparelho psíquico e a formação de um indivíduo. Anzieu (1988, p. 27) diz:

As sensações cutâneas introduzem as crianças da espécie humana, mesmo antes do nascimento, em um universo de uma grande riqueza e de uma grande complexidade, universo ainda difuso, mas que desperta o sistema percepção-consciência, que subentende um sentimento global e episódico de existência e que fornece a possibilidade de um espaço psíquico originário.

Ao tocar, somos tocados. Sentir a terra molhada, as plantas, o ar, a água fria, a água quente, as pedras, o barro ou a superfície corporal de um animal é entrar em contato, pele a pele, com a nossa mãe. Não é à toa que desejamos nos deitar nesse corpo o tempo inteiro. Se colocamos o pé na cachoeira, o impulso é nos jogar, mesmo com a água congelante. Se percebemos a areia, queremos enterrar os pés. Se venta, queremos bagunçar o cabelo. Se passamos a mão no pelo de um cachorro, a vontade é abraçar e rolar no chão com ele.

É por meio de nossos corpos que apreendemos o mundo. Aí estão em funcionamento o nosso cérebro e os nossos sentidos. Aí estão armazenadas as nossas memórias e é também onde formulamos nossos desejos, nossos sonhos, nossos planos para o futuro. Não é demais repetir essa evidência: nosso cérebro está no corpo. Somos uma cultura que valoriza tanto o pensar que o corpo ocupa um segundo plano, esquecendo-se de que “pensamos no corpo”. (MENDONÇA, 2012, p.134)

Os envelopes psíquicos naturais vão agindo como os envelopes oferecidos pela nossa mãe humana. Eu costumo sempre me questionar: a natureza representa a mãe ou a mãe representa a natureza? Para além de querer encontrar uma resposta, não acho que uma represente a outra, uma vez que elas não se excluem e não se complementam. São o que são.

Iguais. Ambas com um vasto repertório de envelopes suficientemente bons, sem os quais extravasamos nossas angústias mais profundas para fora desse Eu-pele. Esse extravasamento, quando ocorre, fica evidente em nosso corpo e na forma como nos relacionamos com os outros.

A confiança nos envelopes psíquicos naturais e a expansão do Universo interno

A ação do sujeito no meio natural e a reação do meio natural envelopando o sujeito além de formarem um eu-psíquico, configuram uma relação. O meio natural sempre será um envelope suficientemente bom. Diferente da mãe humana que pode tender para alguns extremos, este não invade demais e tampouco negligencia. Isso significa que quando um bebê é colocado em contato com os elementos que compõem esse meio desde cedo, ele vai tocar e ser tocado. Afetar e ser afetado. Ele vai agir sobre este ambiente, perceber e sentir a reação e construir um vínculo de confiança.

A confiança é o resultado de um bom trabalho de envelopamento. É a base que sustentará todo o desenvolvimento psicomotor e as relações posteriores, uma vez que a criança terá o registro em seu corpo do prazer nas relações. Sem essa memória de prazer, que assegura a criança na ausência do corpo da mãe-natureza, as angústias extravasam e o corpo da criança pode se apresentar com apatia, agitação extrema e/ou comprometimento real do seu desenvolvimento motor. Todos esses estados falam de um lugar de sofrimento, ou seja, de falta de segurança no envelope. Aucouturier (2015, p.34) afirma:

O bebê não vive apenas sensações agradáveis. Seu estado de imaturidade, de incompletude, sua impotência relativa e seu estado de dependência fazem com que ele viva, em certos momentos, experiências dolorosas, acentuadas, muitas vezes, pela indisponibilidade da mãe. Se o insucesso das ações se repete, tensões internas persistem diante de um objeto externo que pode tornar-se perseguidor; neste caso, o processo de transformação da criança não pode produzir-se de modo sólido.

Dessa forma, quando não disponibilizamos a natureza como corpo para a criança, quando não permitimos que ela explore, deite-se, role, puxe, pegue e morde é como se impedíssemos mãe e filho de estarem juntos, ou seja, forma-se uma lacuna afetiva de grande impacto na vida dessa criança e essa lacuna será a responsável pelos estados corporais que eu citei no parágrafo acima. Richard Louv (2016, p. 57) já havia trazido as impressões da professora de cinesiologia Jane Clark, da Universidade de Maryland, sobre “crianças enlatadas”, que passam cada vez mais tempo em bancos de carro, cadeirões e até cadeirinhas para ver televisão.

Quando estão ao ar livre, as crianças pequenas costumam ser colocadas em ‘contêineres’ – os carrinhos – e empurradas enquanto os pais andam ou correm. A maior parte desse confinamento é feita por questões de segurança, mas a saúde dessas crianças é comprometida no longo prazo. (CLARK apud LOUV, 2016, p. 57).

Eu diria que esse prazo não é tão longo assim. A pandemia da COVID-19 deixou isso claro e me deu ainda mais material para embasar as minhas crenças e estudos, escancarando a necessidade de estarmos sempre em contato com a vida do lado de fora. Tenho acompanhado bebês entre seis meses e um ano de vida, que pelas circunstâncias do confinamento, apresentam irritação permanente, choro excessivo ao encontrar pessoas novas e atraso considerável do desenvolvimento motor e psicomotor. São crianças que viveram muito pouco o corpo a corpo com o mundo natural e, por isso, não puderam ser envelopadas por essa Mãe Terra que tem prazer em cuidar dos seus filhos.

Sem a confiança nesse corpo materno, a criança não expande. O que isso quer dizer efetivamente? Na introdução, eu falei sobre Carl Sagan afirma, que afirma que somos feitos de poeira das estrelas. Todos nós. Tudo o que habita o planeta Terra. Sendo assim, compartilhamos o mesmo DNA original do Universo. E se o Universo tende a expandir, o nosso curso natural também é a expansão. E é uma tristeza perceber os entraves psíquicos e corporais de uma criança pela falta de contato com os elementos mais básicos da natureza, ficando totalmente limitada a sua forma de existir no mundo e se comunicar com esse mundo, caracterizando totalmente a falta da expansão. Aucouturier (2005, p. 39) discorre muito bem sobre envelope, confiança, desenvolvimento e expansão:

Esse primeiro continente permite ao bebê continuar o desenvolvimento de suas competências em condições favoráveis; o bebê pode, então, liberar seu corpo e abrir-se pouco a pouco para o mundo, já que ele não está mais sozinho e vive uma ‘unidade dual de prazer’ interiorizada, na qual vive a si próprio, mas, ao mesmo tempo, os dois juntos. Desse modo, o bebê pode ficar sozinho e agir sobre a realidade externa muito precocemente, porque o ‘objeto’ está nele e ele se sente protegido e unificado. O bebê vive a segurança afetiva.

Isso me faz pensar na minha trajetória como mãe. Quando meu filho Theo nasceu, eu, que sempre gostei de estar do lado de fora, de forma bastante intuitiva até então, sempre passei horas com ele ao ar livre. Ainda muito pequeno, o levava para o quintal da casa da minha mãe e o deitava no chão para olhar o céu. Com três meses de vida, ele estava na praia. Com quatro, ele já tinha percorrido uma centena de parques da cidade do Rio de Janeiro. Com cinco meses, estávamos celebrando a vida em frente ao mar da Bahia. Tomava banho de banheira na varanda do nosso apartamento. Aos seis, comia manga com as mãos sentado no chão da sala. Antes de completar um ano, já tinha conhecido quedas de água e cachoeiras que muitos adultos não ousaram ir e já havia se banhado no mar de Alagoas debaixo do Sol de meio dia.

Theo é cuidado pela minha mãe e meu pai quando estou ausente, naquele mesmo quintal que mencionei que o colocava assim que ele veio ao mundo. Ainda bebê, tomava banho de

mangueira pelado enquanto regava as plantas no jardim. E com um ano e meio ele já sabia quando havia um Bem-te-vi, uma maritaca ou um mico por perto apenas pelo som. Eu o vi colher jabuticabas e limões do pé e a fazer picolé de acerola nessa mesma casa em que passei boa parte da minha vida. Theo começou a rolar com três meses, antes dos seis já sentava sozinho e quatro dias após completar sete meses começou a engatinhar. Com oito meses falou sua primeira palavra, com um ano de idade já andava e com um ano e três manobrava um patinete. Theo expandia um pouco mais a cada dia.

Quando a pandemia da COVID-19 se instalou, Theo estava prestes a completar dois anos e resolvemos passar o que seria um confinamento de quinze dias na casa dos meus pais. Os quinze dias viraram três meses. E enquanto eu ficava sabendo, infelizmente, das muitas crianças e adultos com dificuldades em seu desenvolvimento ou com angústias terríveis que brotavam no corpo, eu vi o Theo crescer. E crescer no seu sentido mais amplo. Eu vi aquela criança tocar o céu sem nenhum resquício de falta de envelope natural. Foi um privilégio passar praticamente 12 horas do nosso dia em um local aberto. Eu o vi adquirir habilidades que jamais poderia imaginar. Eu o vi florescer, enquanto o mundo tentava sobreviver.

Desde sempre, me permiti ser corpo disponível. Desde sempre, permiti que qualquer meio natural fosse um corpo disponível para ele. Todas as vezes que ele me procurou, ele teve. Peito, colo, carinho, acolhimento, abraço, dormir juntos e respeito em cada cuidado básico necessário. Todas as vezes que ele procurou a mãe natureza, ele teve exatamente as mesmas coisas. A cada novo envelope, uma camada de confiança e uma propulsão extra para expandir em novas relações com muitos outros seres. Há aproximadamente um ano, quando ele fraturou um osso do antebraço brincando, eu escrevi o seguinte texto falando exatamente sobre sua expansibilidade:

Meu menino fogo! Sua vontade de adentrar os espaços e dar sentido a sua existência te deixa rápido, forte e voraz. Sempre me disseram que não é possível abraçar o mundo inteiro, mas você abraça. E devora. Com seu corpo falante e conquistador dos sete mares... E rios, montanhas e terras mundo (da imaginação!) afora.

Seu querer é fogo que arde sem se ver. Você vai incendiando tudo ao redor. Especialmente pessoas. Por onde passa gera uma onda de calor. E boas risadas. E quentinho no coração. Você brilha como fogueira em noite fria na mata escura. Explode sem pensar em nada. Corre, pula, pega, larga, solta, aperta e quase nunca afrouxa. Seus pequenos músculos explodem na experiência do sentir.

O que alimenta esse fogo é que você também é menino ar. Você aumenta as suas brasas que já estão em labaredas, porque venta no seu próprio Universo particular. Se é para se sentar, já escapuliu como um sopro. Fugitivo de normas. Alguns diriam desobediente. Ou até insolente. Mas é só a sua alma que passeia nas histórias que você constrói na sua mente.

O corpo está sempre aqui, mas a cabeça está sempre lá. Imaginando que, de repente, você é um trem mágico e sem controle, que encontrou a Cinderela no baile do Mico Maneco e que, juntos, caíram na floresta do Grúfalo. É difícil aterrar, né filho? Mas o que exige coragem mesmo é flutuar. E isso você faz com maestria.

Menino fogo, menino ar. Quando suas asas queimarem, não há quem te impeça de voar, porque brasa quando inflama vira fumaça só para tocar o céu.

A natureza da criança (do adolescente e do adulto também) é ir para o mundo, como uma planta que aterra, enraíza, cresce, expande e se volta para o Sol. Em uma das aulas do nosso percurso, Leila Oliveira afirmou que a criança não precisa de estímulo. A planta também não. Ela precisa de um envelope que possa garantir sua constituição, através do cuidado com a terra, rega adequada e olhar atento para suas necessidades específicas. E é nesse momento que o humano se torna envelope. Ainda que estejamos falando de uma floresta, que não precisaria de nenhuma ação do homem para existir, ela ainda precisa que esse humano seja protetor, ou seja, um envelope que não permitirá a sua destruição.

É necessário ser mais clara sobre isso. Uma criança só poderá se tornar envelope para as coisas vivas que a rodeiam futuramente se ela se encontrar integrada em si mesma, ou seja, se o seu eu-psíquico estiver estruturado. Se ela viveu envelopes prazerosos, ela será capaz de reconhecer a beleza do encontro e das relações, algo que fará com que ela busque isso envelopando e não o contrário. São as duas faces da mesma moeda. A qualidade do que envelopa garantirá seu próprio envelopamento no futuro.

Gosto de pensar que estaremos sempre, enquanto vivos, humanos ou não, em um movimento constante de contração e expansão ao mesmo tempo que alternamos sermos envelopes ou sermos envelopados. O mar, por exemplo, se recolhe em sua imensidão. Dizem que é a atração gravitacional da lua. Eu diria ser apenas um desejo que o céu o envelope para que ele se sinta seguro e possa expandir e brilhar no dia seguinte, sendo envelope para outro. O ar, que por si só já possui a característica da expansibilidade, muitas vezes parece querer apenas parar e se sentir contido para, muito em breve, se agitar e aliviar o calor, sendo envelope também. Emanuele Coccia (2018, p.31) diz:

No âmbito climático, tudo o que é e foi constitui um mundo. Um clima é o ser da unidade cósmica. Em todo clima a relação entre conteúdo e continente é constantemente reversível: o que é lugar se torna conteúdo, o que é conteúdo se torna lugar. O meio se faz sujeito e o sujeito meio.

Como é lindo viver esse mundo e me entender como um ser que tende a expansão e poder expandir minhas ideias e visões após ser envelopada com tanto conteúdo, acolhimento e encontros genuínos nessa formação. A expansão se dá de tantas formas, assim como os envelopes. Ora, se não é o desejo de todo mundo contrair quando não se tem forças para agir,

voltar para o nosso lar imaginário proveniente das boas experiências vividas no corpo, para, em seguida, expandir a beleza de ser o que se é.

Conclusão

Entender a natureza como envelope psíquico foi um dos caminhos mais lindos que já percorri. E não estive só. A escrita é individual, mas a conclusão é coletiva. Como os destinos podem ser diferentes diante da grandeza que é interiorizar da forma mais sensível possível a relação mais potente que existe? Há um lugar no aqui e no agora para todos nós em que compreendemos a importância dos envelopes naturais como fundamentais para a estruturação da nossa saúde psicomotora. Há, no entanto, uma brecha no tempo, um percurso que segue na contramão do mundo, em que, juntos, estamos saindo integrados e prontos para expandir e envelopar. Há exatamente um ano escrevi sobre esse curso:

Algumas pessoas costumam estranhar eu fazer uma pós-graduação de nome poético. A Natureza que somos: filosofias e práticas para uma ação genuína no mundo. Para mim, é tudo tão óbvio... Como eu explico uma sessão de terapia que flui com mais leveza, tranquilidade e resultado ao ar livre? Com água? Com vento? Com chuva?

Os benefícios que a natureza nos traz são inúmeros, já conhecidos e já relatados em livros, artigos e pesquisas. Só que eu preciso ir além. Eu não quero saber se o contato é bom para a criança. Isso eu já sei. Eu quero saber o porquê.

Não quero conhecer as propriedades curativas das plantas ou regenerativas das fontes termais. Somos seres de relação. E é na relação, ponto chave do meu trabalho e da minha vida, que eu quero focar. Tem que fazer sentido. E eu sei que vai fazer.

Digo para mim mesma: você tinha razão. Agora, faz todo o sentido.

Referências Bibliográficas

ANZIEU, D. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

AUCOUTURIER, Bernard. **O método Aucouturier**: fantasmas de ação e prática psicomotora. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Disponível em:
<<https://www.bibliaonline.com.br/vc/lc/15>>

COCCIA, Emanuelle. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Editora Cultura e Bárbarie, 2018.

Döra Ö, Büyük ET. Efeito do Ruído Branco e Lullabies na Dor e Sinais Vitais em Intervenções Invasivas Aplicadas a Bebês Prematuros. *Enfermeira Pain Manag.* 2021 Dez;22(6):724-729. doi: 10.1016/j.pmn.2021.05.005. Epub 2021 Jun 28. 34210600.

LOUV, R. A última criança na natureza: Resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2018.

MENDONÇA, Rita. **Meio Ambiente e Natureza**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. Peirópolis: Editora Peirópolis, 2016.

SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Conversa Selvagem – Nave Gaia – Ailton Krenak e Antonio Nobre. Youtube, 5 de março de 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=ueLmin9IIqk>>. Acesso em: 09 de março de 2021.

SOCHA, Alexandre. A função especular da voz materna e suas referências ao psiquismo e à constituição do si mesmo. **Winnicott e-prints**, São Paulo , v. 3, n. 1e2, p. 1-12, 2008 .